

O abismo através do espelho: a atualidade de *Vampyroteuthis Infernalis* de Vilém Flusser

The abyss through the mirror: the actuality of Vampyroteuthis Infernalis of Vilém Flusser

El abismo a través del espejo: la actualidad de Vampyroteuthis Infernalis de Vilém Flusser

Marcos Namba Beccari¹



¹Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, contato@marcosbeccari.com

Resumo

Com base no livro *Vampyroteuthis Infernalis*, de Vilém Flusser, este artigo discute alguns dos conceitos principais ali tratados e, a partir deles, propõe uma reflexão acerca do ambiente político-midiático contemporâneo. Sob uma abordagem ensaístico-flusseriana, parto de uma breve contextualização da obra em questão e, ao longo do argumento, delinheiro paralelos com debates atuais. A interpretação aqui empreendida pauta-se nos conceitos de espelho deformante, conspiração esotérica e obscenidade. Defendo, por fim, que a metáfora vampyrotêuthica segue atuante ao devolver-nos uma imagem de nós mesmos na qual não nos reconhecemos.

Palavras-chave: Vampyroteuthis Infernalis. Vilém Flusser. Espelho deformante.

Abstract

Based on Vilém Flusser's book *Vampyroteuthis Infernalis*, this article discusses some of the main concepts discussed there and, from them, proposes a reflection on the contemporary political-mediatic environment. Under an essay-flusserian approach, I start from a brief contextualization of his work and, along the argument, I draw parallels with current debates. The interpretation adopted here is based on the concepts of deforming mirror, esoteric conspiracy and obscenity. I argue, finally, that the vampyroteuthic metaphor remains active in giving us back an image of ourselves where we do not recognize ourselves.

Keywords: Vampyroteuthis Infernalis. Vilém Flusser. Deforming mirror.

Resumen

Con base en el libro Vampyroteuthis Infernalis, de Vilém Flusser, este artículo discute algunos de los conceptos principales allí tratados y, a partir de ellos, propone una reflexión acerca del ambiente político-mediático contemporáneo. Bajo un enfoque ensayista-flusseriano, parto de una breve contextualización de la obra en cuestión y, a lo largo del argumento, delíneo paralelos con debates actuales. La interpretación aquí emprendida se pauta en los conceptos de espejo deformante, conspiración esotérica y obscenidad. Argumento, por último, que la metáfora vampyrotéuthica sigue actuando al devolvernos una imagen de nosotros mismos donde no nos reconocemos.

Palavras-chave: *Vampyroteuthis Infernalis. Vilém Flusser. Espejo deformante.*

Introdução

“O humano é o sonho de uma sombra.”

Píndaro

O objetivo deste artigo é explicitar a atualidade de *Vampyroteuthis Infernalis*, que é certamente um dos textos mais sofisticados de Vilém Flusser. Isso não apenas por sua incursão ficcional, explorada também em outras obras do filósofo tcheco-brasileiro, mas sobremaneira por sua proficuidade reflexiva, no sentido de ainda suscitar perplexidade por meio de metáforas veementes acerca do mundo contemporâneo. Publicado em 1987, dois anos antes da queda do Muro de Berlim, o livro inicialmente talvez soasse antiquado e exagerado, como uma experimentação literária destoante de seu próprio tempo, pois, enquanto as ideologias pareciam ser superadas pelas promessas da social-democracia, Flusser manteve-se atento às sinuosidades e aos dissensos inerentes à toda impressão de consenso. Ele sabia que, se a sociedade parecia finalmente apaziguar seus contrastes constitutivos, é porque já não cabia mais muita coisa debaixo do tapete. Hoje, como assinala Fran Alavina (2018, s. p.),

[...] com a volta da extrema direita e sua chegada ao poder em alguns países, os ambientes intelectuais ora se veem imóveis, incapazes de diagnosticar com precisão um fenômeno que aparece dramaticamente como algo inesperado, ora se

movimentam para atestar sua existência – mas buscam compreendê-lo segundo o parâmetro do fascismo histórico. Logo, deixam escapar os novos elementos e as novas determinações.

No caso do Brasil, em especial, onde ressurgem certos ditames medievais como o da Terra Plana, o da “ideologia de gênero” e o de que vacinas causam autismo, vemos um destemido anti-intelectualismo impregnando as mais diversas esferas e camadas sociais. E se na Alemanha os crimes nazistas permanecem expostos em memoriais, nas cátedras universitárias, no cinema etc., por aqui já são muitos os que dizem que a ditadura militar não foi tão ruim assim, ou que sequer existiu.

Eis a atualidade de *Vampyroreuthis Infernalis*: o fascismo vigente é uma forma de vida simultaneamente primitiva e atual, um discurso que se passa por novidade e que há muito encontra-se arraigado no solo cotidiano. Alguns diagnósticos o descrevem em termos de “pós-verdade” ou “desconstrução” – como se Derrida tivesse se tornado um *best-seller!* –, quando no fundo se trata de algo bem mais antigo e tacanho: é a *conspiração* como impulso hegemônico diante do *establishment* cultural, acadêmico, midiático etc.¹ Sua retórica é a da “cortina de fumaça”, num misto de ressentimento latente e engajamento ilusório. O clima de neo-obscurantismo então se estabelece na medida em que mitigamos a linha entre a autoafirmação e o constrangimento alheio, sobretudo ao mergulharmos de cabeça nas redes sociais, esses aquários virtuais cujos algoritmos nos alimentam diariamente com polêmicas e convicções. Assim se mantém certa ilusão de consenso e coerência, porque quanto mais as coisas se mostram obscuras e contraditórias, maior é o nosso esforço por confirmar uma crença prévia – eis o princípio básico da conspiração, do niilismo² e dos fundamentalismos diversos.

Nada disso é inédito, por certo, restando ainda outras formas de encarar a “escuridão”: se o escuro só existe para o olhar que procura luz, talvez as sombras possam nos revelar outras gradações possíveis. Foi uma prerrogativa como essa que levou Flusser a eleger *Vampyroreuthis Infernalis* como metáfora a ser dissecada, uma criatura com traços pré-históricos, um fóssil vivo que só fora descoberto e catalogado em meados do século XX. Não que se queira com isso pintar algum tipo de regresso – “lá embaixo todas as nossas categorias da superfície se confundem” (2012, p. 126). Ao entrelaçar numa única dimensão temporal o antigo e o novo, colocando-os um ao lado do outro e deixando aberta a contradição que disso deriva, Flusser procurou aqui evidenciar um novo jogo de paroxismos amparados por uma antiga anatomia retorcida.

O espelho deformante

Eu sinto cada movimento seu, sei de cada pensamento seu. Estou contigo desde o nascimento e o verei apodrecer. O que sou eu? Um reflexo. – Edward Nygma (O Charada).³

De modo geral, o “vampiro do inferno” exerce no texto uma função de *espelho deformante*⁴ – algo a princípio paradoxal, posto que um dos traços míticos do vampiro é a sua inexistência no espelho. Mas o espelho deformante talvez possa remeter a uma formulação do antropólogo Pierre Clastres (2003, p. 35): “Quando o espelho não nos devolve nossa própria imagem, isso não prova que não haja nada a observar”. E o *Vampyroteuthis*, por conseguinte, faz alusão ao que Patrice Maniglier (2005) certa vez assinalou como a promessa da antropologia: devolver-nos uma imagem de nós mesmos onde não nos reconhecemos. De modo que a obra em questão opera em termos de uma “antropologia especulativa”, conforme propõe Juan José Saer:

É antropologia porque toda literatura de ficção propõe uma visão do homem. E especulativa porque não é uma antropologia afirmativa. É uma especulação sobre as possíveis formas de ser do homem, do mundo, da sociedade. Mas também especulativa pela noção de espelho que está implícita. Não de acordo com Stendhal, que diz que o romance é um espelho que o narrador forja para refletir os eventos, mas no sentido de espelhos deformantes (SAER, 2002, s. p., tradução do autor).⁵

Flusser veste aqui, em certa medida, essa máscara do antropólogo especulativo ao propor uma mediação entre dois mundos, um encontro impossível que tem efeitos sobre ambos, fazendo-os colidirem e se confundirem mutuamente. As coordenadas que delimitam tais culturas não se deixam fixar, mas transitam e se invertem umas nas outras, desenhando assim uma fecundidade especuladora que submerge na experiência da tensão, do conflito, da duplicidade. O que decorre dessa abordagem, todavia, são questões de ordem menos etnológica do que existencial, desvelando uma ontologia das ambiguidades na qual tudo pode inverter-se no seu contrário, em que a própria ambiguidade é ambígua porque contém em si mesma um mimetismo súbito e um distanciamento abissal – e é justamente tal discrepância que desencadeia o espanto filosófico.

Os dois últimos parágrafos de *Vampyroteuthis Infernalis* são, nesse sentido, os mais esclarecedores e ao mesmo tempo os mais desconcertantes. Flusser fala de sua sensação de medo e embaraço ao contemplar longamente a criatura no aquário de Banyuls: medo pela possibilidade de o vidro se quebrar, e embaraço de estar diante de um espécime raro encarcerado tal qual um animal de circo. O molusco atrás do vidro também encara o observador paralisado, tentando talvez estabelecer contato por meio das oscilações cromáticas em sua pele. Instaura-se aí a reflexão deformante: apesar de o vidro ser transparente, o que aparece através dele é um estranho reflexo. É a sensação de que há algo ali de reconhecível, mas que não se deixa ver. Não que haja nisso qualquer tipo de misticismo. Trata-se de perceber, por exemplo, que a noção de “animalidade” é inseparável da ideia que temos de “humanidade”, pois quaisquer aspectos que atribuímos aos animais – a bestialidade, a inocência, a irracionalidade – são, na verdade, exclusivos da espécie humana. A animalidade é, enfim, uma questão antropológica. Desse modo, ao deparar-se com o octópode, Flusser deixa de fazer distinções entre o que é bestial, o que é humano, o que é inumano. Sua estranheza consiste em não reconhecer a si mesmo refletido no espelho, intuindo simultaneamente a crueza⁶ da coisa vista.

Mas não seria essa crua estranheza o que produz alguma ressonância através das dissonâncias? E não seria este, aliás, o efeito de toda tradução, enquanto transposição impossível de um mundo a outro (FLUSSER, 2007), como um modo de situar-se a partir do fora, do estranho? Como já intuía Derrida (2011, p. 57), “O animal nos olha, e estamos nus diante dele. E pensar começa talvez aí”. Aparentemente exteriores, *outsiders* ao mundo humano (ou à certa configuração dele, aquela que chamamos de Ocidente), os animais, tanto quanto os zumbis, os robôs e os extraterrestres, demandam um esforço especulativo para que sejam pensados em sua inumanidade. Quais suas relações com o “nosso” mundo? Como eles nos enxergam? Assim, o espelhamento torna-se via de mão dupla, em que semelhanças e diferenças se confundem e se reconfiguram mutuamente: ao se encontrarem e refletirem um ao outro, ambos os mundos se *insinuam*, levando-nos a perceber que nunca houve dois mundos, mas somente um.

Na perspectiva flusseriana nenhuma dualidade permanece intacta. O que persiste é sempre um interstício nebuloso, um espaço de não-coincidência entre as incidências possíveis. Não por acaso, o humano e o *Vampyroteuthis*, segundo Flusser, já estiveram próximos em seu curso evolutivo, mas foram perdendo estabilidade na medida em que se distanciaram entre si: quando nós começamos a andar sobre duas pernas e

quando os *Vampyroteuthis* perderam sua casca. O preço pago pelo humano foi a perda do solo; pelo molusco, o exílio no abismo. “Somos, os dois, seres ‘alienados’: nós, alienados do chão, ele, alienado do céu” (FLUSSER, 2012, p. 40). Ocorre que, apesar de nossa postura vertical, é a horizontalidade que funda o nosso campo de visão: a coluna ereta conduz-nos a olhar mais para a frente e para os lados do que para cima ou para baixo. E no caso do *Vampyroteuthis*, por mais que ele se movimenta em todas as direções, permanece imerso na verticalidade do precipício oceânico. Mas isso também não passa de um ponto de vista, posto que ambos pertencem a um único mundo. Enquanto o *Vampyroteuthis* comunica-se horizontalmente através de cor e luz, emitindo mensagens que percorrem a pele de seus interlocutores, as informações humanas circulam por meio de telas coloridas ao alcance dos dedos, seduzindo-nos com sua vertiginosa luminosidade.

“A diferença é que a comunicação humana visa ao deciframento correto, e a comunicação vampyrotêuthica visa ao deciframento errado. Isto em tese. Porque há comunicação do tipo vampyrotêuthico também na cultura humana” (ibidem, p. 93). Tal percepção, a despeito de todas as ferramentas disponíveis para que nos orientemos no mundo, talvez esteja se tornando cada vez mais incontornável. Pois o *Vampyroteuthis* é a caricatura do projeto iluminista e a prova de sua impossível efetivação: por um lado, temos acesso fácil e rápido a grandes obras, teorias e relatos históricos, para muito além do que os iluministas já sonharam; por outro, somos inundados com a profusão de conspirações e palavras de ordem que não têm espaço nos grandes veículos da mídia, mas que nos são direcionadas a partir de algoritmos escusos. E se os “Ambientes são tanto espelhos do organismo, quanto o organismo é espelho do ambiente” (ibidem, p. 65), a razão paira hoje numa atmosfera que assume feições vampyrotêuthicas, como extensão de um organismo aparentemente distante que tem nos ensinado, como que por simbiose, a tatear a estranha luminosidade de nossos *black mirrors*.

A conspiração esotérica

Quando o *Vampyroteuthis* emerge, explode. Porque o *Vampyroteuthis* vive sob pressão, já que foi “recalcado” até o fundo [...] A mesma pressão que relega o *Vampyroteuthis* até o fundo, sustenta o homem e faz com que bóie. Relaxada a pressão, o *Vampyroteuthis* emerge e o homem afunda. Humanizar o *Vampyroteuthis* implica vampyro-teuthizar o homem (FLUSSER, 2012, p. 127-128).

Nunca foi simples a tarefa de dissertar sobre os dias que correm. É impossível dizer com exatidão o que é que se passa e, mais ainda, o que é que ficará disso que passa. Como as próximas décadas olharão para nós? No entanto, hoje a internet nos dá a impressão de que sabemos de praticamente tudo o que acontece, o que já aconteceu e o que está por vir, como uma janela oracular na qual se entrecruzam notícias e interpretações que, conquanto fugazes e contraditórias, já vêm prontas para a ingestão imediata. Não mais havendo distinção clara entre autores, atores e espectadores – cada voz acredita falar por todas as outras –, tudo precisa ser instantaneamente processado e comentado, cedendo lugar a outros acontecimentos que seguirão o mesmo percurso. É esse o modo pelo qual nos situamos no mundo, acreditando que nossos pontos de vista ainda são absolutamente individuais, sólidos e coerentes. Porque, é claro, nunca foi tão fácil tecer uma opinião: temos à disposição uma miríade de juízos a serem aderidos, criticados ou ressignificados. Não se trata mais de interpretar os fatos, mas de interpretar a interpretação dos fatos e, com isso, adotar estratégias de habitar o mundo.

Flusser morreu em 1991, portanto sem conhecer a internet e tudo o que se seguiu. Mas ele presenciou um período de tumultuosa inovação tecnológica, formulando ao fim dos anos 1980 o conceito de “sociedade telemática”, onde a circulação contínua de informações alimentaria uma existência em rede, numa absorção informacional passiva e indiscriminada.⁷ “Nisto reside a diferença mais radical entre a epistemologia humana e a vampyrotêuthica: para os homens, conhecer é um gesto que avança contra o mundo, gesto ativo, e para o *Vampyroteuthis*, conhecer é um gesto que sorve o mundo, gesto passivo” (FLUSSER, 2012, p. 70). Entretanto, ao passo que na sociedade telemática não haveria nenhum filtro seletivo, atualmente a internet parece já nos conhecer melhor do que nós mesmos, *personalizando* o nosso acesso à informação. É esse tipo de direcionamento que hoje faz proliferar as novas comunidades de extrema direita, disseminando textos que, dentre outras coisas, negam o Holocausto. De sorte que, quando uma nova teoria conspiratória entra em cena, mil outras se ramificam contra ou a favor dela, em conversas privadas e públicas, crescendo como um fermento irritadiço sem fim.

É o clima conspiratório, o clima do segredo mal-intencionado. Por certo: a nossa própria cultura está, ela também, banhada por tal clima. [...] As emissões vampyrotêuthicas são enigmas. O *Vampyroteuthis* visa a enganar seus parceiros. Usa *media* fluidos, efêmeros e altamente conotativos para que os seus parceiros não possam criticar as mensagens. Visa a seduzir ou violentar seus parceiros

para que estes armazenem informações sem criticá-las. A cultura do *Vampyrotheuthis* é um conjunto de artifícios, de estratégias, de “demagogias”. É conspiração de todos contra todos. Cultura de “como se”: a cultura da representação teatral, do engodo (FLUSSER, 2012, p. 91).

Se quisermos traçar um correlato conceitual ao clima conspiratório atual, não devemos recorrer ao espetáculo debordiano, mas justamente ao que talvez seja o seu exato oposto: o esoterismo obscurantista. O espetáculo, ao aspirar um ideal de transparência absoluta, depende de uma aparente coesão retórica para manter sua eficácia.⁸ Já no esoterismo presume-se a existência de uma linguagem secreta que só se revela à medida que, paradoxalmente, mostra-se indecifrável. Partindo do princípio de que todas as coisas do universo estão de algum modo interligadas, a crença em tal enigma é imprescindível para que seus adeptos logrem uma estratégia imbatível: quanto mais contraditórias forem suas expressões, mais o seu segredo estará protegido de toda verificação, potencializando sua adesão. Decorre daí outra diferença para com o espetáculo: se o bom ator é aquele que consegue interpretar de maneira coerente muitos papéis diferentes, o bom esotérico é aquele que, mesmo sem saber interpretar nenhum papel que lhe seja oferecido, consegue ocupar o palco durante o maior tempo possível, justamente por sua incoerência.

A questão é que, diferente do espetacular, não há simulação no esotérico. Para “atuar”, é preciso que se saiba atuando; para dissimular, é preciso que se queira esconder; para mentir, é preciso saber que se mente – e o esotérico não sabe sequer qual é a “sua” verdade. O enigma então segue inacessível até para quem o profere, permanecendo radicalmente secreto: como secreção, algo que se excreta, o segredo é um acréscimo⁹ que se cria para ocupar o lugar do que não existe. Ou seja, o verdadeiro segredo é a própria ausência de segredo, sua impossibilidade de ser provado. Eis a metáfora vampyrotheutica: o monstro só existe enquanto tal na medida em que é ocultado. No lugar do espetáculo, com efeito, retoma-se a noção de *especulum*, isto é, espelho, reflexo, inversão formal que produz um lugar de contradição incessante, uma lacuna não destinada a ser preenchida. O caos conspiratório, assim, vem a sufocar toda tentativa de averiguação, mitigando a própria noção de “prova” em proveito de uma “prova de força”. Destarte, o esoterismo mantém-se impermeável a todo tipo de mediação e atravessa incólume os poderes tradicionais – a religião, a política, a economia e a mídia.

Essa aparente invulnerabilidade pode remeter-nos à estratégia daquilo que há alguns anos recebia a alcunha de terrorismo: do 11 de setembro ao *black bloc*, o objetivo era contestar o imperialismo cultural atacando elementos simbólicos em vez de alvos individuais. Mais do que a rapidez e o caráter de improviso das ações, a questão principal era dirigir-se diretamente ao público, saltando todas as mediações e dispensando quaisquer teorias acadêmicas. Acontece que esse tipo de movimento, apesar de ter ocupado o palco mundial durante muitos anos, permaneceu marginal, disperso e pouco articulado. O que vemos hoje, em contrapartida, são muitos políticos e líderes de estado proferindo abertamente termos como “globalismo” ou “marxismo cultural”. Chega a parecer que esses governantes passam as noites em claro na internet decifrando os segredos das pirâmides. É claro que, apesar da persistente alusão a uma conspiração global, não resta nada em comum entre o discurso terrorista, que depende de um discurso dominante para existir como tal, e o discurso vigente da extrema direita, que não responde a nenhum outro e não depende da chancela de ninguém.

No contexto dessa guinada conspiratória à direita, o próprio conservadorismo, no sentido forte do termo, tende a soar inadequado a princípio, já que a extrema direita vem a combater até mesmo o patrimônio do saber legitimado e as fontes de sua legitimação – como a universidade, a ciência, a história. A conspiração não visa, afinal, a restaurar os velhos valores (tarefa, aliás, muito laboriosa), mas a contestar toda forma de mediação que venha a se interpor entre ela e o público: cientistas, professores, jornalistas etc. Mas a maioria dos conservadores, uma vez ameaçados no seu próprio terreno (o da efetividade econômica e do poder), seguirá apoiando aqueles que se tornam autoridades. Não se trata, pois, de uma falsa consciência que uma crítica esclarecedora pudesse corrigir, mas do velho despotismo esclarecido.¹⁰ Talvez o progresso obscurantista decorra justamente do aristocrata que faz da resiliência a sua virtude, e das luzes a sua arma.

“Este é o fascínio que o *Vampyrotheuthis* exerce sobre nós: ele ousa articular o inferno. Mas por certo: o ‘inferno’ por ele articulado é sua utopia. E também a nossa” (FLUSSER, 2012, p. 108). Com uma sutil ironia que neutraliza qualquer tom apocalíptico, Flusser adverte-nos que de nada adiantaria tentarmos civilizar o ser abissal por meio das lanternas do iluminismo ou do humanismo – o animal aprendera a emitir luz bem antes de nós. De um lado, não é possível enquadrá-lo nas fileiras de um discurso teórico rigoroso, sistemático e coeso; de outro, o obscurantismo vampyrotêuthico não poderia existir sem essa contraparte iluminada, que é justamente o seu reflexo invertido. A me-

táfora flusseriana não aponta para um horizonte indiferenciado que eliminaria todas as oposições; ao contrário, cuida de manter a ambivalência que, embora desde sempre renegada pelo pensamento ocidental, é o que o atravessa e o constitui.

A obscenidade vampyrotêutica

“Um sonho não pode ser comunicado porque é intangível, e pelo mesmo motivo exige ser comunicado.” Franz Kafka

Por mais perturbadas que ainda sejam nossas reações ao *Vampyroteuthis*, é preciso lidar com ele sem querer fazer as pazes, nem educá-lo ou mesmo dar-lhe as costas e repudiá-lo. Devemos tratá-lo pelo que ele é: um reflexo deformante de nós mesmos. Não é, portanto, uma aberração, tampouco uma banalidade de menor importância. É mais como um adolescente acometido pelo sentimento de finalmente ter voz, um papel em seu grupo, ao propagar algo que a “grande mídia não vai noticiar”. Diante disso, em vez de seguirmos à procura de uma transparência absoluta (que em última instância integra-se à conspiração esotérica), talvez seja o caso de darmos um passo atrás, interrogando sobre a opacidade que tal busca suscita. Nesse sentido, a partir do momento em que a “verdade” foge ao controle do seu detentor – porque o mundo fatalmente se mostra mais complexo, multifacetado e contraditório do que ele imagina –, passa-se a um outro horizonte, que é aquele da conspiração. Pois a verdade, para manter-se com tal, veste-se como um segredo que, por sua vez, deve ser exposto ao mundo. Essa é a passagem “evolutiva”, no *Vampyroteuthis*, da coloração da pele à secreção de nuvens de sépia:

As nuvens por ele manipuladas vão assumindo formas das mais variadas, vão servindo de suporte a mensagens das mais variadas. E tais mensagens não mais são dirigidas a agressores, como em espécies mais primitivas, mas são dirigidas aos demais *Vampyroteuthes*. Trata-se, nas nuvens, de *media* da comunicação intersubjetiva. De *media* extremamente plásticos, efêmeros e fluídos, portanto rapidamente captáveis e de interpretação altamente duvidosa e conotativa (FLUSSER, 2012, p. 90).

A variação da cor epidérmica é uma tática de forjar transparência: “Enquanto a pele vai emitindo mensagens, o organismo se torna invisível. O *Vampyroteuthis* se

transforma em superfície emissora, e abstrai-se da mensagem” (*ibidem*, p. 89). É um gesto análogo ao da busca pela transparência total, em que os enunciadores do segredo não têm nome, podendo ser todos e ninguém – quando acreditamos, por exemplo, que a “verdade” partilhada nas redes sociais, ao desviar-se da grande mídia, resplandece por si mesma. Já a emissão de fluidos pela qual os octópodes produzem nuvens exuberantes segue no sentido inverso: trata-se de chamar a atenção por meio de “cortinas de fumaça” (ou *firehosing*, na terminologia recente), como estratégia para desviar o foco do oponente. Tal recurso tem a função, no *Vampyrotheuthis*, de confundir não apenas os seus predadores naturais, mas também os seus congêneres, prática que Flusser (*ibidem*, p. 107) associa a um impulso canibal. No registro comunicacional, contudo, a estratégia de disparar muitos focos de atenção serve claramente como arma de desatenção: quanto mais nuvens forem devoradas, mais facilmente os alvos serão ignorados e esquecidos.

O propósito da modelação da nuvem é desviar a atenção dos demais *Vampyrotheuthes* da sua intenção e em direção da informação nova. Que os outros *Vampyrotheuthes* se precipitem sobre a nuvem, que a devorem pensando que estão devorando o emissor da mensagem. Destarte a nova informação será incorporada no diálogo vampyrotêuthico para sempre. Pelo método do engano deliberado, do artifício, da mentira (FLUSSER, 2012, p. 116).

Em todo caso, a comunicação vampyrotêuthica dispensa qualquer tipo de mediação. Disso decorre que a especificidade do *Vampyrotheuthis* é a de nunca aparecer: quando assume uma forma (monstro, globalismo, extrema direita etc.), já não é ele, mas um reflexo dentro do espaço representacional. Logo, a ausência de mediação o torna *obsceno*, isto é, sem uma cena para encená-lo, uma moldura para enquadrá-lo, enfim, nenhum anteparo. Por isso não se trata de espetáculo, em que tudo é encenado a um espectador distante e alienado o suficiente para que não encontre acesso ao real. Ao contrário, a obscenidade vampyrotêuthica reside no fato de que, embora o molusco, tal como um trauma, não possa emergir à superfície, ele já se encontra *perto demais*, como um reflexo disforme entre o eu e o outro, entre a luz, a sombra e as coisas iluminadas. Por meio de um espelho deformante aparentemente translúcido, o *Vampyrotheuthis* devolve-nos uma imagem de nós mesmos onde não nos reconhecemos.

Talvez o fato mais perturbador e insólito acerca desses octópodes é que eles podem ser como suas nuvens de sépia: nada além de autorretratos. A linha tênue do face a face

para com o *Vampyrotheuthis* é como um reflexo invertido que não vai além de sua própria pele, essa superfície viscosa colorida que nos reveste por dentro. E a insistência indutiva de Flusser não é a de que ele pode ser visto, mas que já não podemos ignorá-lo. Em outras palavras, muito mais difícil do que desmascarar e denunciar como ficção o que parece ser a realidade é reconhecer a realidade de certas ficções. O que começa como conspiração e disfarce em prol da proliferação de enigmas obscuros tende a retornar, no território de nossa própria escuridão, como uma inesperada presença que parece há muito tempo nos espreitar “por trás”. Como no conto de Borges (1984), alguém nos está sonhando e a impossibilidade de despertarmos nos tira o sono, mas também nos adormece.

Notas

1. A despeito da aparente relativização ou inversão discursiva (como previam os pós-modernos), o debate público atual tende claramente ao recrudescimento das velhas narrativas; no lugar de versões parciais, afinal, prevalece a visão que acredita conhecer um lado, o seu contrário e tudo o que estiver no entremeio. No lugar da pós-verdade, portanto, parece-me mais visível a preponderância de uma “ultra-verdade”.
2. Sob o viés nietzscheano, o niilismo está sempre condicionado aos valores que nega, definindo-se não pela ausência de verdade, mas justamente pela crença nessa verdade ausente. Cf. NIETZSCHE, 2006.
3. Trecho do episódio 15 da terceira temporada da série *Gotham* (Fox Broadcasting Company, 2016). Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80020542>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
4. “Destarte podemos iniciar um jogo com espelhos deformadores, um oposto ao outro. Um jogo de reflexão, durante o qual vamos descobrindo nossa própria estrutura existencial de um ponto de vista que nos é muito distante” (FLUSSER, 2012, p. 19); “Somos espelhos um para o outro, a sua existência espelha a nossa, e a nossa espelha a sua. E em tais espelhos podemos reconhecer o que ambos negamos” (ibidem, p. 45); “[...] ambas as reflexões são negações da existência, ‘refletem’ a existência e sobre a existência, são espelhos. Cada qual à sua maneira, e em direções opostas uma à outra” (ibidem, p. 95).
5. No original: “Es antropología porque toda literatura de ficción propone una visión del hombre. Y especulativa porque no es una antropología afirmativa. Es una especulación acerca de las posibles maneras de ser del hombre, del mundo, de la sociedad. Pero también especulativa por la noción de espejo que está implícita. No según Stendhal, quien dice que la novela es un espejo que el narrador pasea para reflejar los acontecimientos, sino en el sentido de los espejos deformantes”.
6. “*Cruor*, de onde deriva *crudelis* (cruel) assim como *crudus* (cru, não digerido, indigesto) designa a carne escorchada e ensanguentada: ou seja, a coisa mesma privada de seus ornamentos ou

acompanhamentos ordinários, no presente caso a pele, e reduzida assim à sua única realidade, tão sangrenta quanto indigesta. Assim, a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo o que não é ela para considerá-la apenas em si-mesma” (ROSSET, 1989b, p. 18).

7. Em outra de suas ficções filosóficas, publicada em 1986, Flusser descreve um inseto a meio caminho entre a abelha e a formiga, o *Bibliophagus convictus*. Nutrindo-se apenas de textos escritos, seu organismo produz um ácido chamado *informasis* a ser partilhado e reprocessado pelos outros insetos a partir de uma enzima, a *criticase*. O problema são os textos pouco informativos, redundantes, que reciclam informações sem oferecer nada de novo: eles levam a formações cancerígenas no inseto individual e, graças à facilidade com a qual as informações circulam em rede, infectam a todo o ninho como um vírus. A ironia aqui é clara: a utopia da sociedade em rede beira a um pesadelo totalitário.

8. Cumpre mencionar que, passados mais de vinte anos da publicação de *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord publicou, em 1988, seus *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, onde a noção de segredo adquire importância central. Se em 1967 tudo ainda lhe parecia claro (a burguesia alienando o proletariado), vinte anos depois tudo se mostrava obscuro: com o proletariado já vencido, a burguesia passaria a conspirar contra si mesma. Mas a noção debordiana de segredo permanece estática e dualística: segundo ele, se a conspiração integrada que encobre a realidade fosse enfim deflagrada, a verdade voltaria a resplandecer por si mesma. Sob o prisma de Flusser, ao contrário, entre o segredo e a verdade (e entre o *Vampyroteuthis* e o humano) restam mais ambiguidades do que incompatibilidades.

9. Em *Infância e História*, Giorgio Agamben (2005) sustenta que o pensamento moderno impôs ao sujeito da ciência a impossibilidade de “ter experiências”, restando-lhe apenas a possibilidade de “fazer experiências”, isto é, acrescer seus próprios conhecimentos. Acredito que esse tipo de acréscimo assinala, à luz da reflexão flusseriana, o caráter moderno do pensamento enigmático vigente.

10. Despotismo esclarecido ou absolutismo ilustrado refere-se à conduta e políticas de alguns monarcas europeus da segunda metade do século XVIII: nos Estados então recentemente constituídos, de economia ainda essencialmente agrícola e uma burguesia politicamente fraca, as ideias iluministas serviam mais para promover a exploração colonial e consolidar o controle sistemático sobre as nações.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ALAVINA, Fran. Fascismo, teu novo nome é Consumismo. Outras Palavras, 08 nov. 2018. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/fascismo-teu-novo-nome-e-consumismo/>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

BORGES, Jorge Luis. *Livro dos sonhos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo. In: DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 167-237.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou: (a seguir)*. São Paulo: Unesp, 2011.

FLUSSER, Vilém. *Bibliophagus*. Berlim, 1986. Documento digitalizado no Arquivo Flusser Brasil. Disponível em: <<http://www.flusserbrasil.com/art146.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

_____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Vampyroteuthis Infernalis*. São Paulo: Annablume, 2012.

MANIGLIER, Patrice. La parenté des autres (À propos de Maurice Godelier, Métamorphoses de la parenté). *Critique*, n. 701, p. 758-774, oct. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSSET, Clément. *Princípio de crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SAER, Juan José. “La incertidumbre elocuente”. Entrevista concedida a Gustavo Valle. *Letras Libres*, 30 jun. 2002. Disponível em: <<https://www.letraslibres.com/mexico-espana/la-incertidumbre-elocuenteentrevista-juan-jose-saer>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

Recebido em: 01/03/2019

Aceito em: 21/03/2019

Publicado em: 24/06/2019